



Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais
On the other side of the wall: regionalities and cultural regions

João Claudio Arendt*

Resumo:

No presente ensaio, efetuamos uma reflexão sobre região e regionalidade tomando como fio condutor elementos concretos da paisagem urbana berlinense, especialmente o seu diversificado universo gastronômico. Exposto o mote culinário inicial, procuramos avançar na discussão sobre as categorias mencionadas, de forma a contribuir teórica e metodologicamente para os estudos sobre as regiões culturais desenvolvidos nas diferentes áreas do conhecimento humano. O amparo bibliográfico, de caráter transdisciplinar, é buscado na Geografia, na Sociologia, na Culinária e nos Estudos Literários.

Palavras chave: espaço urbano; espaço rural; regionalidade; região cultural; regionalismo.

Abstract:

In this essay, we have reflected on regions and regionality, using very real elements of the cultural landscape of Berlin as my guide, especially its diverse gastronomy. Having shed light on my initial culinary motivation, we seek to make progress in the discussion on the categories we mention, so as to contribute to the theories and methodologies of studies on cultural regions that have been carried out in the different areas of human knowledge. Our sources, which were of a multi-disciplinary nature, consisted of Geography, Sociology, Cookery and Literary Studies.

Keywords: urban space; rural space; regionality; cultural region; regionalism.

* Professor no Programa de Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade – PPGLET/UCS – e no Programa de Doutorado em Leitura e Linguagens da Universidade de Caxias do Sul – PDLET/UCS. Diretor da revista eletrônica Antares (Letras e Humanidades). Bolsista CAPES em 2011 para Estágio Pós-doutoral na Freie Universität Berlin, sob a supervisão da Profª. Dra. Ligia Chiappini. jarendt@ucs.br
Endereço postal: R. Olinto Mario Luchesi, 435/201. Bairro Santa Catarina. Caxias do Sul, RS. 95032-250

Começo estas reflexões após deambular um mês inteiro pelas ruas de Berlim, capital da Alemanha reunificada. Estive em museus, mercados, farmácias, shoppings, restaurantes, galerias, monumentos históricos; andei de ônibus, trem, bonde, bicicleta; investi muita sola caminhando por becos e ruelas aonde não consegue chegar o transporte público. Gastei horas sentado em praças e cafés, tentando decifrar as engrenagens que sincronizam esta metrópole habitada por 3,4 milhões de indivíduos. Lamentei inúmeras vezes não ter formação etnográfica para registrar com objetividade o que os sentidos captavam; falta-me o senso de um método capaz de ordenar essa enxurrada de sensações. Tirei centenas de fotos. Fiz anotações em cadernetas e no verso de bilhetes de passagem e de cupons fiscais. Mas este material tem a perplexidade linguística de quem passou a juventude escrevendo versos e lendo romances. Creio que há um excesso de subjetividade em tudo o que registrei: diante do Portão de Brandenburgo, por exemplo, equilibrado no traço deixado pelo antigo muro, fui tomado por uma melancolia insensata, por que me vieram à tona imagens fragmentadas que reuni em museus, documentários e cartões postais: vi soldados, mulheres, crianças, cinzas; vi trens noturnos cruzando o Portão e partindo para Auschwitz... Como registrar este misto de sensações subjetivas e percepções objetivas para que possa ser útil aos estudos literários, esta área do conhecimento que costuma se autoproclamar científica e reúne milhares de pessoas em congressos como o da Anpoll ou da Abralic?

Posso dizer que tive a sorte de me acomodar, com a família, em um pequeno apartamento, às margens do Spree, rio que serpeia pela cidade e nesta época do ano passa a maior parte do tempo coberto por impecável camada de gelo, contrariando a navegação humana e o deslocamento de milhares de patos silvestres. A menos de cinco minutos a pé, encontra-se tudo de que uma pessoa precisa para viver: farmácias, mercados, tabacarias, padarias, bares, escolas, parques, restaurantes (tudo no plural). Há inclusive recursos espirituais – como as igrejas evangélica, católica e cientológica – e intelectuais – como a Biblioteca Pública Charlottenburg-Wilmersdorf, o campus da Universidade Técnica de Berlim, escolas públicas e algumas livrarias.

Quanto aos restaurantes e lancherias, num raio de um quilômetro para cada um dos lados da rosa dos ventos, ocorre-me ter visto especialidades chinesas, portuguesas, francesas, turcas, asiáticas, vietnamitas, italianas, tailandesas, indianas, gregas... E em uma sala comercial do prédio em que estou morando, um restaurante (o *Zum schwartzen Kater*) serve, entre outras especialidades, o tradicional *Eisbein* com generosos copos de cerveja. Com os mesmos olhos com que me detenho nos cardápios

expostos na rua, furtivamente espio pelos vidros e me arrisco a dizer que existe um espírito de integração gastronômica reinando no interior destes estabelecimentos...

Quem entra num supermercado também percebe a diversidade de produtos que ocupa as prateleiras. Obviamente, a União Europeia tem aí a hegemonia mercadológica, mas muitas outras nacionalidades encontram-se representadas. O balcão dos queijos, por exemplo, salta aos olhos e, junto com a seção de verduras e legumes, onde cada produto tem sua nacionalidade destacada, por pouco não compõe um croqui do mapa mundi. No balcão dos fiambres, interessei-me por uma linguiça branca e indaguei acerca do seu conteúdo e preparo. Com solicitude, a balconista conduziu-me pelo mercado a fim de reunir os demais ingredientes necessários ao preparo: tratava-se de uma linguiça de carne suína, muito apreciada em Munique, que deveria ser brevemente cozida a 40° e servida com mostarda doce e pretzel. Mas, temeroso de ingerir carne suína mal-cozida, fervei demais o embutido e ele se rompeu de uma extremidade à outra... Uma calamidade óptica! Confesso que percebi nesse prato, que comi com um tanto de alegria e outro tanto de decepção, um sabor que eu definiria como transregional-industrializado, o qual se sobressaiu a minha ignorância acerca do saber culinário regional. Jamais se ferve demais uma linguiça branca de Munique!

Ou sim, porque Bernhard Tschofen, em texto sobre culinária e cozinha regional, afirma que “o discurso sobre uma cozinha regional sugere uma incidência quase que naturalmente de espaço e gosto, que com certeza não existe” (2010, p.28). Isso significa dizer, portanto, que o prato muniqueense não é estável em sabor e preparo. A formação de gosto e a informação de não consumir carne crua, construídas dentro de um contexto sócio-cultural específico, podem levar a exceder o tempo de cozimento, modificando, assim, o sabor e a textura da linguiça. Mas, nessas condições, o prato deixa de ser muniqueense? Ou aí se corrobora a opinião de Tschofen, de que a incidência entre espaço e gosto não existe? Ou já não se trata mais de uma iguaria muniqueense, por ter sido confeccionada inteiramente em Berlim, com exceção apenas da mostarda, de fabricação bávara? Ou o *saber fazer* é que seria regional e não o produto em si?

Creio que se deva, antes de mais nada, relativizar a propalada autenticidade dos produtos culturais regionais, especialmente nestes tempos globalizados, em que eles cada vez mais cruzam as fronteiras físicas para se instalarem repletos de conservantes na mercearia da esquina. Mas também não se deveria dizer que antigamente determinados pratos típicos fossem mais regionalizados que hoje, já que podemos remontar ao tempo das grandes navegações para encontrar as especiarias orientais que

temperavam a mesa das abastadas famílias europeias (TSCHOFEN, 2010, p.40). Além disso, segundo Tschofen, as regiões não “podem ser compreendidas como ordens estabelecidas. Elas são muito mais produtos sócio-espaciais transformados historicamente, que às vezes possuem contornos muito fluentes e, acima de tudo, surgidos recentemente.” (2010, p.29) A relação entre um produto cultural e um espaço regional não é, portanto, estável, porque se encontra continuamente à mercê de forças históricas que modificam sua aparência e sua essência, sua ação e suas fronteiras. Nenhuma região, nem mesmo uma região natural, possui limites precisos ou inamovíveis.

Em razão desses fatos, é pertinente afirmar que um determinado produto cultural é antes originário *de* uma região, do que circunscrito apenas *a* ela. E se ele guarda traços de regionalidade em sua denominação (a linguiça branca *de* Munique), isso resulta do trabalho humano de localizar espacialmente as suas criações e, no caso dos restaurantes citados há pouco, uma forma de identificar e diferenciar o alimento oferecido ao consumidor, indicando-lhe inclusive um suposto paladar de origem. Todavia, utilizando o rótulo das respectivas nacionalidades, os estabelecimentos não fazem menção a regiões específicas dos países de origem, dando a impressão de que se oferecem iguarias essencialmente nacionais. Também não vejo pratos elaborados com ingredientes denominados exóticos, como centopeias, cobras, grilos, bichos-da-seda – no caso da culinária chinesa. Tudo obedece a um paladar que se poderia caracterizar, de forma genérica, como globalizado.

Faço uma rápida viagem: no porto de Gênova, embarco num velho vapor, atravesso o Atlântico e desembarco na Serra Gaúcha. Aí, percebo que os restaurantes e lancherias anunciam, via de regra, uma nacionalidade que não é a brasileira. Trata-se de uma gastronomia rotulada como “tipicamente” italiana, repleta de pratos derivados de farináceos e aves, mas que igualmente não denominam regiões específicas da Itália, onde possam ter sido criados. Fenômeno recente, impulsionado pela indústria do turismo e pela urbanização, o alimento do colono imigrante, pleno de calorias e amido, é oferecido aos visitantes como iguaria exótica. Mas a predominância desse tipo de estabelecimento, que nacionaliza, como italianos, produtos culturais que podem ser regionais na sua origem, contribui para regionalizar um espaço social dentro do território brasileiro. Deduz-se, em outros termos, que a gastronomia tem papel fundamental na constituição de uma região cultural, imprimindo-lhe certa especificidade que a distingue dentro de um contexto cultural mais amplo.

Aqui na capital alemã, os restaurantes que anunciam outras nacionalidades multiplicam-se pelo espaço urbano e concorrem com os pratos da antiga gastronomia da região de Berlim e Brandenburgo. Todavia, essa multiplicidade, antes de descaracterizá-la, constitui um traço marcante da sua atual especificidade. Isso por que uma região cultural não se configura apenas pela conservação de tradições ancestrais ou o cultivo de valores étnicos, históricos, religiosos, linguísticos, nativos... Ela pode ser, ao contrário, aberta à diversidade e à renovação de valores, sem que isso a descaracterize. Conforme Humberto Félix Berumen, uma região sócio-cultural

(...)se reconoce a partir del conjunto de valores compartidos por los habitantes de un mismo territorio; por las formas de vida cotidiana que identifican a una comunidad y la distinguen de las demás; por la existencia de un pasado histórico común; y, en fin, por todo aquello que da cuenta de la existencia de una identidad cultural y que se traduce en actitudes, tradiciones, costumbres, símbolos y creencias que son comunes a un grupo humano (BERUMEN, 2005, p. 56).

Essa forma de ver a região cultural descarta sumariamente características físicas ou geográficas, enfatizando elementos de natureza humana, resultantes da sua ação temporal sobre o espaço. As fronteiras regionais, embora difíceis de serem precisadas, localizam-se no ponto em que um conjunto de valores começa a se diluir e a dar lugar a outro conjunto de valores culturais. A fronteira não sugere, porém, hermetismo cultural, já que estamos tratando de elementos perfeitamente tangíveis, desde sempre sujeitos à transformação dos seus significados e à mobilidade espacial. Uma fronteira pode ser espaço de troca, cruzamento, encontro, interação, conflito, distinção, sobreposição, interseção, mistura – em suma, palco de encontros culturais (cf. BURKE, 2003).

No que tange à referida gastronomia berlinense – definida por um sítio eletrônico como “colorida e variada em razão da presença de um grande número de imigrantes do mundo inteiro”¹ –, é ainda possível afirmar que ela constitui um ponto de referência no espectro cultural da região, atuando como elemento de identificação e diferenciação de um grupo humano em torno de suas crenças, tradições, costumes, atitudes e símbolos? Creio que sim, por que as identidades não são uniformes, monofônicas e monocromáticas. De acordo com Stuart Hall, elas são contraditórias, deslocam-se e multiplicam-se continuamente:

A identidade plenamente identificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2003, p. 13).

¹ <http://www.berlin-reise-dienst.de/Kochkurs.htm>. Acesso em 08 de abril de 2011.

No contexto de uma cultura regional que se multiplica *ad continuum* e cujo índice mais visível aos olhos encontra-se nos letreiros luminosos dos mais de 7.000 restaurantes, lanchonetes e bares, os elementos nativos não desaparecem por completo. Ao contrário, parecem encontrar justamente na ampla diversidade a sua razão para existir. Uma região que veste a camisa de força da tradição, que se autoimpõe a pureza genética dos valores, que ergue intransponíveis diques ou fossos, que se contempla narcisisticamente no espelho das suas próprias criações, tende, se não à estagnação e ao afogamento, pelo menos ao exotismo folclórico e à caricatura. A profilaxia das identidades regionais pregada e intentada por determinados grupos hegemônicos pode resultar em identidades endogênicas, monolíticas e xenofóbicas, que vivem do passado mítico e enclausuradas em cavernas platônicas.

Uma tese interessante acerca da diversidade regional é a da “condensação cultural”, proposta por Joachimsthaler em seu estudo sobre a literarização das regiões e a regionalização das literaturas:

Uma região é, portanto, ‘simplesmente’ uma condensação de espaço cultural (mais de uma pode se sobrepor em um só local) usada por indivíduos como motivo para a construção de identidades regionais, no que elas [as condensações] atribuem um sentido para a identificação de caráter identitário aos espaços. As identidades sobrepostas não se excluem umas as outras: elas são possíveis simultaneamente, mesmo com suas diferenças, pois, por princípio, as identidades regionais não seguem o princípio de exclusão das identidades nacionais (2009, p. 40-41)

Dentro dessa perspectiva, o acervo cultural de uma região se constitui historicamente, condensando, sobrepondo e reorganizando elementos novos e antigos. Daí ser possível localizar em uma única região, às vezes de modo escuso, símbolos de diferentes regiões que aí se condensaram. A culinária tradicional de Berlim e Brandenburgo, por exemplo, traz as marcas dos diversos grupos que se instalaram na região, entre eles os huguenotes calvinistas, no século XVII, que trouxeram produtos até então desconhecidos, como couve-flor, aspargos, ervilhas verdes e feijões, pepinos e alfaces, e que se incorporaram à dieta regional. A título de exemplo, nomeio aqui alguns pratos tradicionais da região: pé de porco em salmoura, com chucrute e purê de ervilhas; peito de gado, com rábano; carne de porco defumada, com chucrute; fígado frito, com maçãs, cebola e purê de batatas; ganso assado, com couve e bolinhos. Como pratos menores, para os dias da semana, podem ser enumerados: batatas com toucinho; salsicha de sangue ou fígado, com purê de batatas; almôndegas, com molho de

mostarda; alcaparras, com purê de batatas; almôndegas, com salada de batatas; carne de porco picada, com cebola e salsa; bolinho de batatas, com molho de maçã e crepes.

Ao longo do tempo, a introdução de novos hábitos alimentares, bem como as transformações culturais resultantes da imigração massiva de populações do leste europeu, a urbanização e as novas tecnologias de conservação e produção de alimentos alteraram significativamente a paisagem gastronômica da região, mas não eliminaram o paladar tradicional. Em uma de minhas migrações pela cidade, atraquei na mundialmente conhecida Filarmônica de Berlim, onde a suntuosidade arquitetônica e os trajes de gala dão ares de majestade à orquestra. Uma belíssima apresentação para uma plateia absurdamente condicionada ao silêncio: nenhum movimento brusco, nenhum ruído de tosse ou pigarro. Até o ruidoso hábito de assoar o nariz ficou temporariamente suspenso... E o que saltou aos olhos no intervalo da apresentação foi uma combinação inusitada: o glamour dos espumantes contrastando com as salsichas. As populares salsichas (*Currywurst*, *Wienerwurst* e *Bockwurst*) – vendidas em lanchonetes espalhadas pela Alemanha e que, acompanhadas de um pãozinho francês, catchup ou mostarda, não custam mais do que 1,50 euros a unidade – sendo degustadas com taças de espumante.

A cena levou-me, posteriormente, a pensar que para os berlinenses as apresentações da Filarmônica integram o cotidiano próximo, assim como os mais de 170 museus e galerias de arte, e os outros mais de 100 teatros e casas de espetáculos espalhados pela cidade. Assim, é provável que o suposto glamour não passe de uma projeção minha sobre aquele ambiente e que somente a etiqueta do meu lugar de origem exija canapés especiais no lugar das salsichas de 30 cm. Tento me convencer que não há nada de estranho naquela combinação, que ela, em síntese, integra um modo de ser (nacional-)regional. Mas figuraria estranho, em contrapartida, encontrar alguém no saguão do Teatro São Pedro, de Porto Alegre, no intervalo de uma apresentação, com uma taça de espumante em uma das mãos e na outra uma gorda costela do tradicional churrasco gaúcho...

Parece, portanto, que a regionalidade de certos elementos culturais nem sempre se faz presente ou pode se manifestar em todos os espaços sociais de uma região. Isso por que as regiões não são homogêneas do ponto de vista cultural, podendo abrigar manifestações aparentemente díspares entre si. O fato de o churrasco ser considerado o prato típico do Rio Grande do Sul não significa que ele seja consumido em todos os ambientes e por todos os gaúchos. Da mesma forma, a relação dos indivíduos com os

bens culturais não é uniforme, já que dos inúmeros contatos culturais que se efetivam entre os grupos humanos resultam diferentes identificações. E a identificação, segundo Mühler e Opp (2006, p.18), significa tanto considerar-se pertencente a um grupo de pessoas, quanto conectar-se a um objeto por razões emocionais. A identidade do indivíduo resulta dessas identificações construídas no tempo e no espaço, na interação com diferentes pessoas e objetos. As identificações podem ser, em razão disso, temporárias, flutuantes e flexíveis, e não monolíticas, rígidas e eternas.

A reflexão efetuada até aqui contribui, em certo sentido, para sistematizar as impressões que tive sobre o contexto gastronômico de Berlim e Brandenburgo, no que concerne à configuração de uma região cultural. Mas a especificidade culinária é apenas a ponta visível do *iceberg*, o princípio do fio de Ariadne que se perde pelas gerais de concreto e asfalto, que adentra parques e museus, que frequenta lojas e supermercados, que se movimenta junto com trens e ônibus, que se instala nas casas e apartamentos, que se acomoda no fundo das panelas ou nas sistematizadas latas de lixo... O que quero dizer é que uma região cultural é composta por especificidades (assim, no plural) materiais e imateriais – regionalidades que armam um tecido complexo e flexível, o qual se mostra sempre outro a cada novo olhar.

Embora Haesbert tenha definido a regionalidade, num sentido *lato*, como “propriedade ou qualidade de ‘ser’ regional”, que “envolveria a criação concomitante da ‘realidade’ e das representações regionais” (2010, p. 8), penso que existam, em sentido estrito, regionalidades, ou seja, múltiplas propriedades ou qualidades de ser regionais em uma única região. A ideia de regionalidade no singular dá a impressão de existir um bloco homogêneo, quando, na realidade, regionalidades díspares e conflitantes coabitam em um único espaço social, as quais levam a identificações divergentes. Há uma luta constante no campo das representações simbólicas, com a eliminação e a criação de novas fronteiras regionais, fruto das manifestações de autoafirmação das regionalidades. Dessa forma, existe um modo de ser regional não em forma de bloco compacto e coeso, mas cheio de fissuras e imperfeições.

É provável que a ideia de unidade e de ausência de conflitos, contradições e superposições, bem como de um certo grau de homogeneidade, propostos, por exemplo, por Pedro Luis Barcia (2004, p. 37) como “*los elementos constitutivos de una región cultural*”, não tenha valor absoluto. Isso porque as diferentes nacionalidades que se manifestam como regionalidades no espaço social berlinense não coexistem de forma

ecumênica. O simples fato de se nomear um espaço como chinês, indiano, turco, grego etc. implica hastear uma bandeira em prol antes da diferença, do que da união. Nomear implica instaurar fronteiras que dão acesso a um (micro)cosmo carregado de significados, os quais remetem tanto aos espaços regional e suprarregional, quanto aos espaços nacional e supranacional. A começar pelos caracteres gráficos nas fachadas e nos cardápios, passando pelos objetos que integram a decoração interna do ambiente, até a expressão linguística dos donos do estabelecimento – tudo tem que contribuir para a criação de uma atmosfera peculiar, dando a impressão de que se está, temporariamente, na Índia, na Turquia, na Grécia ou na China, e não numa ruela qualquer de Berlim.

Fazer parte de uma região ou de uma nação não significa apenas perfilar-se harmoniosamente ao modo de ser tradicional, mas, também ao contrário, esforçar-se ao máximo na marcação de uma diferença que possa ser notada como particularidade positiva. É assim que a proprietária do pequeno restaurante *Saigon*, por exemplo, situado na Richard-Wagner Strasse, recebe seus clientes para o almoço com um expansivo “*Xin chào*” e, na sequência, entabula um diálogo em alemão, entrecortado por palavras em vietnamita, difícil de ser compreendido até pelos berlineses nativos acostumados à penosa pronúncia dos milhares de imigrantes. Nas paredes que envolvem as cinco mesas do restaurante, há poucos adereços típicos, mas uma caixa de som sobre o balcão com música vietnamita e o cheiro dos temperos sendo manuseados na cozinha dão a nítida sensação de se estar no Vietnã ou em algum lugar do continente asiático. O cardápio, mesmo com os pratos nomeados de acordo com a origem e seus ingredientes discriminados em língua alemã, não faz menções regionais específicas. Têm-se aí nacionalidades e regionalidades confundindo-se, sobrepondo-se e constituindo uma sempre nova especificidade.

Regionalidades são, assim, especificidades que integram e constituem uma paisagem cultural – e aqui entendemos a região não como espaço limitado do ponto de vista dos seus significados, mas, ao contrário, como paisagem ampla, como potência cujo valor final é de precisão difícil. Há uma década, Pozenato (2001) advertia que a região sofre o injusto (esse adjetivo corre por minha conta) preconceito da limitação geográfica e cultural, ao ser tomada como espaço circunscrito a fronteiras provincianas, periférico em relação a um centro. Mas acredito que isso tudo seja apenas resultado das posições assumidas, cá ou lá, no campo das representações simbólicas por *autores* (na expressão de Bourdieu [1999]) premidos pela força das circunstâncias. Uma região

engloba, desse modo, o espaço e os significados que se lhe atribuem, de modo que é autorizado incluir nela até mesmo as cidades – que não são, como se costuma afirmar, centros em torno dos quais as regiões meramente gravitam. Dito de outro modo, mais uma vez com a ajuda de Pozenato:

Uma determinada região é constituída, portanto, de acordo com o tipo, o número e a extensão das relações adotadas para defini-la. Assim, em última instância, não existe uma região da Serra ou uma região da Campanha a não ser em sentido simbólico, na medida em que seja construído (pela práxis ou pelo conhecimento) um conjunto de relações que apontem para esse significado. (2001)

Regiões são construídas de acordo tanto com as intenções dos seus autores/atores, quanto com os paradigmas que norteiam cada época histórica.

No campo da Geografia, por exemplo, que desde o século XIX tem se preocupado com a cientificidade das discussões sobre a região, o termo foi definido e redefinido inúmeras vezes, a ponto de se afirmar, em data recente, que ele estaria “fora de moda” (LENCIONI, 2001), ou enfraquecido – com alguns geógrafos sugerindo até a sua substituição por outros termos, como “regionalismo” ou “um espaço diferente” (CASTRO, 2002). Entretanto, de acordo com Lencioni, “a palavra região está presente no conhecimento elaborado desde a Antiguidade, caracterizado por inventários e pela intimidade entre o sagrado, o mítico e o real”, aparecendo “com destaque nos estudos sobre as diferenças e os contrastes da superfície da terra, que foi denominado, pelos gregos, de estudo corográfico” (2001, p. 187). Isso leva, de imediato, a imaginar a multiplicidade de abordagens de que a região já foi objeto ao longo do tempo, tanto na Geografia quanto nas demais disciplinas que se apropriaram dessa categoria a fim de operacionalizar seus problemas de pesquisa.

Procedendo a um inventário dos mais importantes antecedentes históricos do uso do termo região, desde o Império Romano até a formação dos Estados Modernos, Gomes (1995) acentua que dele derivam pelo menos três principais características:

1. Que o conceito de região está imbricado com as noções fundadoras da discussão política, da dinâmica do Estado, da organização da cultura e do estatuto da diversidade espacial;
2. Que o debate acerca da região possui um forte componente espacial, ou seja, as discussões sobre política, cultura e economia relacionam-se às projeções, no espaço, das noções de autonomia, soberania e direitos, bem como das suas representações;

3. Que a Geografia foi desde sempre o campo privilegiado dessas discussões, ao abrigar a região como um de seus conceitos-chave, promovendo uma reflexão sistemática sobre o tema.

Foi, pois, a Geografia que muito cedo reclamou para si a preferência pela mão da Filha do Rei, por que com ela os geógrafos poderiam, tal qual as majestades antigas, delimitar os seus domínios e o seu território de ação: etimologicamente, “a palavra *regio* deriva de *rex*, a autoridade que, por decreto, podia circunscrever as fronteiras: *regere fines*” (POZENATO, 2001). O que quero dizer é que os *autores* das mais diferentes disciplinas (e a Geografia tem pioneirismo) podem requisitar o termo e ajustá-lo aos seus propósitos na compreensão espacial de um determinado fenômeno. É assim, apenas a título de exemplo, com disciplinas das áreas da Culinarística, do Turismo, da História, da Arquitetura e dos Estudos Literários. E não haveria de ser diferente, já que, segundo Haesbert, a região existe como “arte-fato”, ou seja, “ao mesmo tempo como criação, autofazer-se (‘arte’) e como construção já produzida e articulada (‘fato’)” (2010, p. 7).

A noção de “arte-fato” torna compreensível, por conseguinte, que determinadas instituições e empresas delimitem sua origem e atuação a espaços regionais, tomando-os no sentido de construções já produzidas, existentes, e ao mesmo tempo assumindo a tarefa de serem também suas construtoras e divulgadoras. E é assim com dois exemplos que me ocorrem de passagem: o primeiro deles, o maior veículo de comunicação impresso da cidade de Caxias do Sul, tem como missão ser o “Diário de integração regional da Serra Gaúcha”; o segundo, relacionado ao universo vitivinícola, traz estampada nos rótulos a sua região de origem: “Serra Gaúcha”. Em ambos os casos, é nítida a marcação regional serrano-gaúcha, porém a sua atuação e alcance são de naturezas diversas: o jornal se compõe de matéria-prima regional (a notícia), para ser consumido pelo público da região, o qual é conclamado a gravitar em torno dele e a se integrar à regionalidade serrana; já o vinho, mesmo igualmente constituído por matéria-prima regional (a uva), busca um público consumidor situado além das fronteiras regionais, o qual é convidado apenas (?) a se identificar com a regionalidade serrana.

Não há dúvidas de que os dois exemplos são manifestações regionalistas – porque programáticos e paradigmáticos (cf. STÜBEN, 2002, p. 59) –, mas eles se movem e são movidos por forças diferentes: o jornal é marcado por certa potência centrípeta (o que acontece na região converge até ele, sendo aglutinado, filtrado e refletido de volta para o espaço regional); o vinho, por sua vez, possui uma força mais

centrífuga (a uva que se colhe na região é triturada, fermentada e manipulada de forma a atender não só o paladar regional, mas também o suprarregional). Uma leitura mais detalhada do contexto e do conteúdo dos dois exemplos revelaria muitas regionalidades encobertas (“arte-fatos”) da Serra Gaúcha (selo de origem/controlado/qualidade), mas este não constitui o foco central da presente reflexão.

Contudo, é possível avançar na direção pretendida, utilizando o conceito de “*loyalidade*”², que clarifica um pouco mais a relação de indivíduos e instituições com regiões (e nações). Utilizada pela primeira vez na década de 1970 nos estudos organizacionais de Albert Hirschman, a *loyalidade* implica, como sugere o próprio termo (em inglês, *loyalty*; em alemão, *Loyalität*), uma atitude de lealdade de uma pessoa para com uma empresa: “Quanto maior for a *loyalidade* de alguém em relação a uma organização, menores são as possibilidades de se afastar dela e, em razão disso, aumentam as chances de melhorar o seu desempenho” (MÜHLER; OPP, 2004, p. 17 – tradução minha). Trazido para a área dos estudos regionais por Mühler e Opp, o conceito de *loyalidade* pode ser igualmente empregado para medir o nível de identificação de pessoas com uma região:

Da mesma maneira que alguém pode ser “*loyal*” a uma firma ou organização, também pode ser “*loyal*” a uma cidade ou país, na perspectiva de que tem uma relação emocional com eles. (...) Se isso é assim, então a teoria de Hirschman é factível de ser aplicada para predizer alguns efeitos da identificação regional e, igualmente, da “*loyalidade*” com uma região” (MÜHLER; OPP, 2004, p. 17 – tradução minha).

Ora, em todas as formas de regionalidade regionalista residem traços marcantes de *loyalidade*. E não é outro o propósito das manifestações regionalistas, senão explicitar um sentimento de “lealdade” a uma história e a um modo de ser regionais. Em outros termos, significa assumir um caráter de respeito e fidelidade a princípios e regras que norteiam o comportamento de um grupo social.

Para que a *loyalidade* (em certo sentido, também sinônimo de “identificação”) dos indivíduos se estabeleça com uma região, Mühler e Opp (2004, p. 23-27) levantam três hipóteses, que sintetizo a seguir:

1. A hipótese da socialização: nascer e crescer em uma região (desde que as vivências aí sejam sobremaneira positivas) pode levar o indivíduo a se identificar afetivamente com ela e a manifestar sua *loyalidade*;

² Em razão de MÜHLER e OPP preferirem o termo *Loyalität*, que deriva do inglês *loyalty*, em vez de *Treue* ou *Ehrlichkeit*, opto aqui pelo neologismo “*loyalidade*” e não pelo vocábulo corrente “lealdade”, apenas para garantir o parentesco gráfico e semântico com o conceito original.

2. A hipótese da qualidade de vida: se o indivíduo sente que sua região proporciona excelentes meios de sobrevivência – como empregos, escolas, lazer e cultura –, é provável que ele desenvolva um sentimento mais forte de *loyalidade*;
3. A hipótese do conflito: a *loyalidade* do indivíduo pode aumentar, se ele e seu grupo se sentirem ameaçados por outros grupos. Em outras palavras, se uma região emite juízos negativos em relação à outra, é provável que cresça o sentimento de *loyalidade* entre aqueles da região diminuída.

Em síntese, segundo os autores, “a socialização, a qualidade de vida e também os conflitos com outros grupos são determinantes da identificação com uma região (MÜHLER; OPP, 2004, p. 27 – tradução minha). As três hipóteses acerca da *loyalidade* podem ser aplicadas ao estudo das regiões culturais, já que se fazem presentes não apenas no discurso de indivíduos leigos, mas também de autoridades políticas, religiosas, intelectuais, educacionais e artísticas que hasteiam a bandeira do regionalismo por força de interesses e de relações afetivas com a região de origem ou de atuação.

Identificar-se com uma região não significa, por outro lado, ser *loyal* a ela em todos os sentidos. Como afirmei anteriormente, também existem forças internas à região (e não apenas externas, como propõem Mühler e Opp) que estão em constante litígio pela autoria e hegemonia das representações simbólicas. Nesse sentido, cada facção defende o que julga adequado ao engrandecimento da região, considerado aqui o histórico dos litigantes e do objeto de litígio. E meu exemplo aporta outra vez na Serra Gaúcha (por uma razão que o leitor já deve ter deduzido), onde as representações simbólicas hegemônicas emanam fortemente do poder público e econômico, e procuram a adesão incondicional de todos os habitantes serranos. O exemplo a seguir, retirado da página da Secretaria Municipal do Turismo, é elucidativo:

Caxias do Sul é hoje, o pólo centralizador da região mais diversificada do Brasil, com seus laboriosos colonos, seus vastos parreirais, suas vinícolas, seu variado parque industrial e um comércio rico e dinâmico; dando a esta terra uma dimensão ainda maior, razão essa que “Caxias do Sul”, a “Capital da Montanha”, a “Pérola das Colônias”, a “Colméia do Trabalho” é, por si só, o pólo centralizador da marca italiana no sul do Brasil.³

Proclamando Caxias do Sul o “polo centralizador da região” da Serra, o discurso oficial tenta exhibir, de um só lance, todas as qualidades regionais que o município

³ <http://www.caxias.tur.br/historia.php> Acesso em 02 de abril de 2011. NOTA: os erros de linguagem no trecho citado correm por conta do original.

supostamente sintetiza. E é na forma de adjetivar a lavoura (vitivinicultura), a indústria e o comércio (como laboriosos, vastos, variados, ricos e dinâmicos) que se verifica a “hipótese da qualidade de vida”, de que falam Mühler e Opp. Entretanto, o regionalismo aí expresso é tão potencializado, que distorce a percepção da realidade: a assertiva de Caxias do Sul ser “o pólo centralizador da região mais diversificada do Brasil” choca-se com a ideia expressa logo a seguir, segundo a qual também seria “o pólo centralizador da marca italiana no sul do Brasil”. Ora, se ela é a região mais diversificada do país, deveria ter, supostamente, outras “marcas” além da italiana.

Em uma das cidades vizinhas, Bento Gonçalves, a “hipótese da qualidade de vida” também se manifesta como epíteto do cenário regional:

Bento Gonçalves é um dos mais belos e importantes roteiros turísticos da Serra Gaúcha. A vocação industrial e turística, as paisagens ‘bordadas de parreirais’ e a garra de seu povo fazem da cidade um lugar acolhedor e de natureza exuberante.⁴

Assumindo igualmente a perspectiva regionalista, aqui o discurso oficial elege o turismo, a indústria e a paisagem vitivinícola como bandeiras para angariar a *loyalidade* dos serranos e a simpatia dos turistas. A qualidade de vida também se destaca na “hospitalidade”, no “clima romântico da Serra”, no “bom vinho” e na “farta gastronomia, herdada dos imigrantes italianos”⁵. Mas o carro-chefe da qualidade de vida parece ser mesmo a paisagem, em que se mesclam fenômenos naturais e culturais, compondo uma espécie de idílio romântico:

As temperaturas tipicamente européias, que chegam a até três graus negativos no inverno, proporcionam um espetáculo magnífico da natureza. As quatro estações bem definidas garantem também uma mescla de paisagens, que incluem os vales bordados de parreirais no verão, o colorido bucólico do outono, as frias manhãs de inverno com os vales cobertos de geada e o exuberante colorido da primavera⁶.

Se forem levadas em conta as posições assumidas nos dois exemplos, vê-se, inicialmente, que uma parece complementar a outra no que tange à exaltação dos principais atributos serranos: as oportunidades de trabalho, a fartura alimentar, a paisagem exuberante e a descendência italiana. Entretanto, os discursos conflituam, por que cada um requer para si a excelência das virtudes regionais: o primeiro assume a posição de “pólo centralizador da região mais diversificada do Brasil”; o segundo, a de “um dos mais belos e importantes roteiros turísticos da Serra Gaúcha”. E como nenhum

⁴ <http://www.turismobento.com.br/pt/a-cidade/sobre-a-cidade/> Acesso em 04 de abril de 2011.

⁵ <http://www.turismobento.com.br/pt/a-cidade/sobre-a-cidade/> Acesso em 04 de abril de 2011.

⁶ <http://www.turismobento.com.br/pt/a-cidade/sobre-a-cidade/> Acesso em 04 de abril de 2011.

faz menção explícita ao outro, mas apenas à região em si, deduz-se que esta gravita em torno daquele que se autoproclamar como o “centro”.

A configuração de regiões culturais baseada em noções de unidade e homogeneidade precisa, portanto, ser relativizada. O que existe, inclusive nas regionalidades regionalistas, é um ecumenismo de fachada, que esconde e reprime as vozes dissidentes ou dissimula as constantes disputas pela ocupação simbólica do espaço. Assim se manifesta, também, a culinária regional berlinense, com seus milhares de restaurantes e lancherias oferecendo pratos “transbordados” (SCHEICHL, 1993) de espaços suprarregionais e supranacionais. Mesmo sendo originários das recentes migrações humanas – impulsionadas por confrontos bélicos, pela pobreza material nos países de origem e pela opressão de estados autoritários –, disputam e reclamam para si a autenticidade da região (ou nação) de origem e a centralidade na região em que atuam.

Em suma, regiões culturais não existem por capricho do acaso. Elas são produto (e também propulsoras) do trabalho humano de delimitar e significar espaços sociais. Regiões surgem da inte(g)ração, harmoniosa ou não, entre indivíduos e grupos, que constroem “modelos identitários” capazes de “identificar um determinado contexto local com ‘seus’ cidadãos e ‘sua’ cultura, com uma bem-vinda ‘unidade’ regionalmente professada” (JOACHIMSTHALER, 2009, p. 28). E os modelos identitários estruturam-se sobre regionalidades ou especificidades culturais, que, num processo dialético contínuo, conformam sempre novas regiões.

Regionalidades também podem ser tomadas como índices das fronteiras culturais que se movem no tempo e no espaço. Enquanto especificidades, elas levam os indivíduos a aceitar ou a rejeitar os valores vigentes em uma escala regional. Em outros termos, ao habitar uma região, é possível identificar-se positivamente com algumas regionalidades e, ao mesmo tempo, entrar em conflito com outras. Regionalidades implicam atitudes de resistência ou de participação, de hostilidade ou de aliança, de rejeição ou de aceitação, atuando ora como obstáculos e limites, ora como continuidades e elos de ligação. Em última instância, sob o ponto de vista das intrincadas relações *entre* regionalidades, todos estamos, de alguma forma, situados sempre do outro lado do muro.

Berlim, 02.05.2011

Post Scriptum: Agradeço ao Instituto Iberoamericano de Berlim (IAI) pela concessão de apoio financeiro para acesso ao seu acervo bibliográfico, durante o mês de dezembro de 2010.

Referências bibliográficas

- BARCIA, Pedro Luis. Hacia un concepto de la literatura regional. In: CASTELLINO, Marta Elena; RIVERO, Gloria Videla de (Orgs.). 2004. *Literatura de las regiones argentinas*. Mendoza: Universidad Nacional del Cuyo.
- BERUMEN, Humberto Félix. 2003. *La frontera en el centro. Ensayos de literatura*. Mexicali, Baja California: Universidad Autónoma.
- BOURDIEU, Pierre. 1999. *O poder simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BURKE, Peter. 2003. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Edunisinós.
- CASTRO, Iná E. (org.). 2001. *Geografia: conceitos e temas*. 3.ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- GOMES, Paulo C. C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, et alii. (orgs.) *Geografia: conceito e temas*. 1995. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- HAESBERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. *Antares* (Letras e Humanidades), Caxias do Sul, nº 3, jan/jun 2010.
- HALL, Stuart. 2003. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- JOACHIMSTHALER, Jürgen. A literarização da região e a regionalização da literatura. *Antares* (Letras e Humanidades), Caxias do Sul, nº2, jul/dez 2009.
- LENCIONI, Sandra. Região e geografia. A noção de região no pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). *Novos caminhos da geografia*. 2001. São Paulo: Contexto.
- MÜHLER, Kurt; OPP, Karl-Dieter. 2004. *Region und Nation: Zu den Ursachen und Wirkungen regionaler und überregionaler Identifikation*. Wiesbaden: VS.
- POZENATO, José Clemente. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: ZILLES, Urbano. 2001. *Filosofia: diálogo de horizontes*. Porto Alegre, EDIPUCRS; Caxias do Sul, EDUCS.
- SCHEICHL, Sigurd Paul. Der Austritt aus der Regionalliteratur. In: TONTSCH, Brigitte; SCHWOB, Anton (Orgs.). *Die siebenbürgisch-deutsche Literatur als Beispiel einer Regionalliteratur*. 1993. Köln: Siebenbürgisches Archiv.

STÜBEN, Jens. ‘Regionale Literatur’ und ‘Literatur in der Region’. Zum Gegenstandsbereich einer Geschichte der deutschen Literatur in den Kulturlandschaften Ostmitteleuropas. In: **JOACHIMSTHALER, Jürgen (Org.)**. *Regionalität als Kategorie der Sprach- und Literaturwissenschaft*. 2002. Frankfurt, Berlim, Berna, Bruxelas, Nova Iorque, Oxford e Viena.

TSCHOFEN, Bernhard. Culinarística e cultura Regional: Estudos Culturais sobre “cozinha regional” na teoria e na prática. In: *Antares (Letras e Humanidades)*, nº3, Caxias do Sul, jan/jun 2010.

Data de Recebimento: 21/03/2012

Data de Aprovação: 19/09/2012

Para citar essa obra:

ARENDETT, João Cláudio. Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais.

RUA [online]. 2012, no. 18. Volume 2 - ISSN 1413-2109

Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Capa: Autor desconhecido. Detalhe de mural pintado no muro de Berlim, Berlim0, Alemanha, Fev 2011.

Disponível em: <http://www.123rf.com/photo_10581326_berlin-germany-20-february-2011-one-of-the-murals-of-the-berlin-wall--a-beautiful-mural-representing.html>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS

UNICAMP/COCEM / NUDECRI

CAIXA POSTAL 6166

Campinas/SP - Brasil

CEP 13083-892

Fone/ Fax: (19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>